

5 MAIO de 2020

# DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA



**NO DIA 25 DE NOVEMBRO  
DE 2019, A UNESCO  
DECLARA O DIA 5 DE MAIO  
COMO O DIA MUNDIAL DA  
LÍNGUA PORTUGUESA**

**“Em novembro de 2019, a Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura oficializou a celebração do dia 5 de maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa, na sede da UNESCO, em Paris...”**

## Dia Mundial da Língua Portuguesa

Em novembro de 2019, a Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura oficializou a celebração do dia 5 de maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa, na sede da UNESCO, em Paris, apesar da efeméride já ser comemorado desde 2009 nos países da CPLP, como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura.

Em 2019, o Dia Mundial da Língua Portuguesa foi assinalado, com grande destaque, no 1.º encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, na cidade da Praia, em Cabo Verde.

Na impossibilidade de hoje podermos comemorar a data no âmbito da realização do 2.º encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, agendado para a cidade de São Tomé, em São Tomé e Príncipe, em consequência da pandemia do Covid-19, a Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE) assinala o primeiro aniversário do Dia Mundial da Língua Portuguesa com a publicação desta Newsletter dedicada às Escolas Portuguesas nos Estrangeiro e a toda a restante comunidade lusófona, dando assim o seu contributo para a afirmação da língua e cultura portuguesas no mundo.

Aproveito para felicitar todos quantos nesta data, assinalam também a efeméride.

A Diretora-Geral da DGAE

Susana Castanheira Lopes





## A LÍNGUA PORTUGUESA

Resposta aos estudantes da Universidade de Genève

Cada língua tem o seu corpo e o seu espírito. Basta pensar que entre a língua espanhola e a portuguesa é grande a coincidência semântica, sintática e morfológica, mas na fonética e na expressividade verbal são duas línguas muito distintas. Cervantes disse que a língua portuguesa era o espanhol sem ossos, Español sin huesos, certamente porque a considerava uma língua modulada, de textura suave. Trata-se de uma síntese muito interessante. É que o castelhano avança para o final das frases galopando, como um cavalinho. O cavalinho da língua espanhola trota, avança triunfante por entre as frases, e o português ondula, como se os seus ossos fossem feitos de água. Acho muito curiosa essa expressão de Cervantes. Já com o francês a comparação é outra. Línguas mais afastadas entre si, dentro do espectro das línguas

românicas, a língua francesa tem jardins de Versailles dentro dela. É geometria, racionalidade, compostura, altivez grave, feita de pompas triangulares. Basta pronunciar Allons enfants de la Patrie..., para se sentir essa esquadria dentro da qual existe um camponês que tem alma de rei-sol.

Mesmo falando de vacas e centeio, o francês é pronunciado a partir de um palácio. O português é marítimo, e é rural, do campo e da igreja, a igreja de granito ou de cal, e não tem palácio na sua estrutura, tem palheiro e flores silvestres. Heróis do mar, nobre povo/ Nação valente e imortal? Boas intenções, as do seu hino. Mas a língua portuguesa não acredita na nobreza nem na bravura. Acredita só na terceira categoria, a imortalidade.

É uma língua feita para cantar melodias mansas, transcenden-

## LÍDIA JORGE

**“QUEM USA A LÍNGUA PORTUGUESA  
SABE QUE A REPETIÇÃO É A FORMA  
DE DECLARAR QUE NENHUMA LÍNGUA  
TEM OS INSTRUMENTOS NECESSÁRIOS  
PARA EXPRESSAR A TOTALIDADE DO  
DESEJO.”**





tais - Vem saber se o mar terá razão/ Vem cá ver bailar meu coração... Estamos a falar das línguas latinas, que têm menos vocábulos do que a língua inglesa. Pensemos então no inglês e no português. Este livro em inglês teria menos um quarto das páginas.

Porquê? Porque o inglês tem mais vocábulos que o português, bastantes mais. O português, para as mesmas ideias, precisa de encontrar metáforas. Como a metáfora exige muitas palavras, o texto torna-se mais longo. Mais longo em português do que em espanhol.

O espanhol tem mais palavras do que o português. Para sermos francos, a língua portuguesa é maravilhosa, mas não podemos mentir sobre o seu número de vocábulos.

Nós temos menos vocábulos do que os espanhóis, menos vocábulos que os franceses, menos vocábulos que os ingleses. Mas, em compensação, temos agilidade na criação de expressões. E, nesse campo, ninguém nos bate, a língua portuguesa é mais criativa do que a língua francesa e a inglesa, porque estamos treinados para a metáfora e, por isso, o português é eminentemente poético e transfigurador.

Esse é o segredo da nossa riqueza expressiva. Este tipo de linguagem explica que a nossa escrita literária seja litúrgica e repetitiva. Os textos dos portugueses, dos melhores escritores portugueses, são textos repetitivos.

Vejam, por exemplo, José Saramago como repete. Também Agustina Bessa Luís repete. Lobo Antunes, repete, repete...

Quer dizer, há construções nas páginas dos escritores portugueses que parecem orações. Na escrita portuguesa há alguma coisa de tautológico, o vício do emparelhamento, como nos textos religiosos. A nossa poética é repetitiva. Os nossos livros são repetitivos. Alguns deles deliciosamente repetitivos.

Quem usa a língua portuguesa sabe que a repetição é a forma de declarar que nenhuma língua tem os instrumentos necessários para exprimir a totalidade do desejo. Então, podemos e devemos repetir à vontade. Como não amar esta língua?

Lídia Jorge  
Escritora

**“PARA O MEU PAÍS A LÍNGUA PORTUGUESA SIGNIFICA UM SÍMBOLO DA NOSSA HISTÓRIA E DA NOSSA AMIZADE”**

**“SABER FALAR PORTUGUÊS VAI-NOS PERMITIR, NO FUTURO, USAR A LÍNGUA PORTUGUESA PARA CRIAR PALAVRAS PARA A LÍNGUA TÉTUM”**

**Selviana (16 anos), aluna do projeto PCAFE**



## A MAIS BELA DAS LÍNGUAS

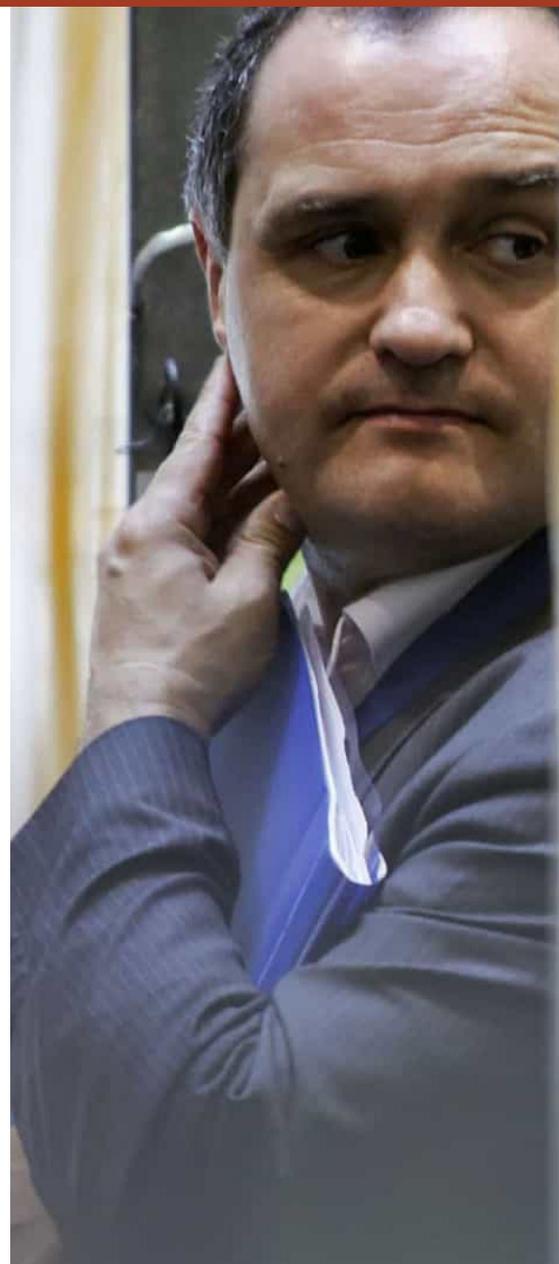
A Língua portuguesa é a mais bela de todas as línguas, porque nenhuma pode ser tão bela como aquela que conhecemos melhor. É a língua em que nos exprimimos, compreendemos o que nos dizem e entendemos os nossos irmãos lusófonos. É a única de que conhecemos todos os segredos, sutilezas e segundos sentidos. Mas é ainda muito mais do que isso. É uma língua que une vários povos e é falada em três dezenas de organizações internacionais. E por isso é um ativo estratégico da maior importância, falado por vários milhões de portugueses, lusodescendentes e lusófonos espalhados por dezenas de países pelo mundo.

Houve tempos em que não se valorizou esta imensa riqueza por causa do complexo associado ao estigma da emigração, o que a remetia para um gueto. Quando finalmente se começou a valorizar o seu peso económico e cultural, tudo mudou e passámos a exibir, orgulhosos, o quinto lugar entre as línguas mais faladas do mundo,

com perspectivas sólidas de expansão no futuro, passando dos atuais 260 milhões para cerca 350 milhões já em 2050, em virtude das dinâmicas demográficas, sobretudo em África.

O Ensino de Português no Estrangeiro, essencialmente dirigido aos jovens portugueses e lusodescendentes, mas também muito frequentado por alunos lusófonos, é uma peça chave nesta arquitetura de defesa e promoção da língua, não obstante a diversidade própria da estrutura das nossas comunidades e daquilo que é permitido pelos governos e administrações escolares de cada um dos países de acolhimento.

Isto não impede, no entanto, que esteja bem integrado numa lógica coerente que percorre vários graus de ensino, do pré-escolar ao superior, precisamente sob a tutela do Instituto Camões, que é quem tem a experiência mais sólida e competências reconhecidas neste domínio. E devemos acrescentar ainda, neste contexto de



## PAULO PISCO

**“A LÍNGUA PORTUGUESA É, INDISCUTIVELMENTE, UMA RIQUEZA IMENSA PARA TODOS OS POVOS QUE A FALAM, PORQUE OS UNE, DÁ-LHES PROJEÇÃO GLOBAL E É UM FATOR ECONÓMICO RELEVANTE. DAÍ QUE SEJA DA MAIOR IMPORTÂNCIA QUE TODOS OS PAÍSES DA CPLP VALORIZEM MUITO MAIS O PESO E IMPORTÂNCIA DAS SUAS DIÁSPORAS.”**



## “O FACTO DO SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SER ANTÓNIO GUTERRES OU QUE O BRASILEIRO ROBERTO DE AZEVEDO SEJA O DIRETOR-GERAL DA OMC É UM ORGULHO PARA TODA A LUSOFONIA.”

afirmação e valorização da Língua portuguesa, o prestígio que lhes é conferido pelo ensino nas Escolas Portuguesas nos países lusófonos e os cursos em cátedras, leitorados e protocolos com universidades em mais de 70 países.

A Língua portuguesa é, indiscutivelmente, uma riqueza imensa para todos os povos que a falam, porque os une, dá-lhes projeção global e é um fator económico relevante. Daí que seja da maior importância que todos os países da CPLP valorizem muito mais o peso e importância das suas diásporas. Através da Língua Portuguesa, cada um dos povos que a utiliza torna-se mais global como parte de uma rede planetária que dá para cada uma das culturas em que se exprime. É, por isso, uma Língua que tem capacidade de afirmação fora das fronteiras de cada um dos países onde é falada.

Aquilo que poderia ser visto como uma desvantagem, que é a descontinuidade geográfica dos países lusófonos, tem também o seu

lado positivo, uma vez que garante uma inserção da Língua em todos os continentes. A aprendizagem crescente do Português é hoje um dado adquirido em muitos dos países vizinhos dos que falam a Língua, essencialmente por motivos de natureza económica.

É inegável o grande potencial económico que a língua representa em termos de trocas comerciais e de utilização no espaço digital e, cada vez mais, no domínio científico. Mas é importante sublinhar também o seu imenso poder de afirmação cultural, através de uma riquíssima e criativa diversidade na música, na literatura, nas artes. Do fado à Bossa Nova, do samba às mornas, de Jorge Amado a Fernando Pessoa, de Germano de Almeida a Mia Couto, de Pepetela a Drummond de Andrade, de José Craveirinha a Luandino Vieira e tantos outros expoentes culturais em vários domínios.

É uma língua falada em mais de 30 organizações multilaterais em todos os continentes. Nas organizações

internacionais, a Língua portuguesa é fator de força e coesão: protegem-nos e defendemo-nos uns aos outros. O facto do Secretário-Geral das Nações Unidas ser António Guterres ou que o brasileiro Roberto de Azevedo seja o diretor-Geral da OMC é um orgulho para toda a lusofonia.

Língua Portuguesa é muito mais do que uma mera ferramenta de afirmação de uma identidade. É uma língua universal e pluricontinental, que veicula culturas e identidades diversas, história e fraternidade. É uma Língua para todos os que a queiram aprender.

E é esta a sua maior riqueza e a sua imensa força. Cabe-nos a todos saber defendê-la e projetá-la como uma grande Língua global que é, ainda por cima porque todos perceberemos que as suas potencialidades estão longe de estarem esgotadas.

Paulo Pisco  
Eurodeputado



**“POR ISSO TODOS NÓS TIMORENSES,  
TEMOS QUE APRENDER MUITO MAIS E  
MELHORAR A NOSSA LÍNGUA  
PORTUGUESA, PARA NOS  
PREPARARMOS E MELHORAR O NOSSO  
FUTURO”**

**“ENTENDO QUE A LÍNGUA  
PORTUGUESA JÁ FAZ PARTE DA NOSSA  
IDENTIDADE”**

João Ximenes (14 anos), aluno do  
projeto PCALE



## PORTUGUÊS, LÍNGUA VIVA

Falada desde o galego-português medieval neste retângulo a sudoeste da Europa e hoje nos quatro cantos do planeta, a língua portuguesa pode orgulhar-se de muitas e diferentes coisas ao longo dos séculos em que a usamos todos os dias – e a principal de tais coisas talvez seja a sua literatura. Mas não quero hoje falar de literatura, porque boa literatura também pode existir em línguas mortas como o sânscrito, o grego ou o latim. Interessa-me a língua portuguesa como organismo vivo, de base biológica, a nascer de gargantas e bocas humanas que são hoje centenas de milhões em vários continentes. Ora, para estar viva, uma língua tem de evoluir – vida é evolução, sabemos-lo desde Darwin, como já o sabíamos antes. Sem evolução a língua estagna, cristaliza, mumifica-se como esses corpos de Faraós muito bem conservados que vemos nos museus. Sem essa dinâmica que a faz ser hoje isto e amanhã um pouco já aquilo, sem essa mudança que a leva a explorar

caminhos diferentes em Portugal e no Brasil, mas também em Cabo Verde, na Guiné, em São Tomé, Angola, Moçambique, Macau, Timor-Leste, a língua imobiliza-se, torna-se estática, hirta, rígida, até perder a fluidez natural de tudo o que é vivo. Cada palavra nasce quando é dita pela primeira vez, depois vive, evolui e em certos casos morre – e tantas são as que jazem nos dicionários e nos velhos cartapácios da Torre do Tombo ou das Bibliotecas, em morte aparente, até que alguém as descubra e às vezes ressuscite... Por isso constituem sinais de vitalidade as periódicas polémicas entre os puristas, paladinos de um português mais correcto, e aqueles que, pelo contrário, nele gostam de integrar um outro português talvez para eles menos perfeito, mas que hoje circula nas ruas de Lisboa, de Luanda ou do Rio de Janeiro. Língua é sinal de vida – e vida é coisa mutável, imperfeita, sempre em devir. Defendamos e estudemos o legado de Camões ou de Vieira, de Agosti-

na ou de Guimarães Rosa, mas estejamos abertos a outros cujos nomes ainda não conhecemos e que no futuro irão escrever numa língua que já não será bem esta, a que falamos em 2020. Conservemos tudo o que de precioso a língua portuguesa nos deixou ao longo do tempo, mas saibamos vê-la evoluir no século XXI, para que daqui a 100 anos (deixem-me ser optimista) os nossos vindouros lhe possam dar um novo rosto que hoje somos incapazes sequer de adivinhar – é esse o melhor modo de a celebrarmos. Viva a língua portuguesa!

Lisboa, Maio de  
2020

Fernando Pinto do Amaral

(Escritor e Professor da FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ex-comissário do Plano Nacional de Leitura entre 2009 e 2017)

## FERNANDO PINTO DO AMARAL

**“ORA, PARA ESTAR VIVA, UMA LÍNGUA TEM DE EVOLUIR – VIDA É EVOLUÇÃO, SABEMO-LO DESDE DARWIN, COMO JÁ O SABÍAMOS ANTES. SEM EVOLUÇÃO A LÍNGUA ESTAGNA, CRISTALIZA, MUMIFICA-SE COMO ESSES CORPOS DE FARAÓS MUITO BEM CONSERVADOS QUE VEMOS NOS MUSEUS.”**

# FALAM PORTUGUÊS

É certo que em termos percentuais, o número de falantes de português é pouco significativo. Em Macau, o português permanece como língua oficial com estatuto idêntico ao chinês, mas só a pequena população euro-asiática, os macaenses, o usa e há apenas uma escola portuguesa, que serve uma população de pouco mais de 600 discentes, com 24 nacionalidades diferentes; este ano letivo, em cada quatro alunos que entraram na Escola Portuguesa de Macau, três não tinham o português como língua materna. Existem três escolas luso-chinesas com secção portuguesa, onde é língua veicular de ensino para um número reduzido de alunos. E é língua de opção em escolas particulares. Podemos repetir, até se esvaziar o significado da afirmação, que não houve e/ou não há uma política linguística de sedimentação da língua portuguesa neste território. É verdade e é indiscutível; apesar de os chineses e os portugueses terem convivido durante tanto tempo, nunca chegaram a um intercâmbio essencial e significativo. Ambos não se comunicaram bem, como se um pato falasse como uma galinha, como diz um provérbio cantonense. Mas no dia de hoje irei apenas referir as pessoas que aqui falam português ou que se esforçam por o fazer. Das que vejo ir duas ou três vezes por semana a uma qualquer escola aprender a falar a língua, após um dia cansativo de trabalho. Nos seus rostos jovens ou mais maduros é imperscrutável o desígnio que os leva a tal. Na timidez das suas respostas a interpela-

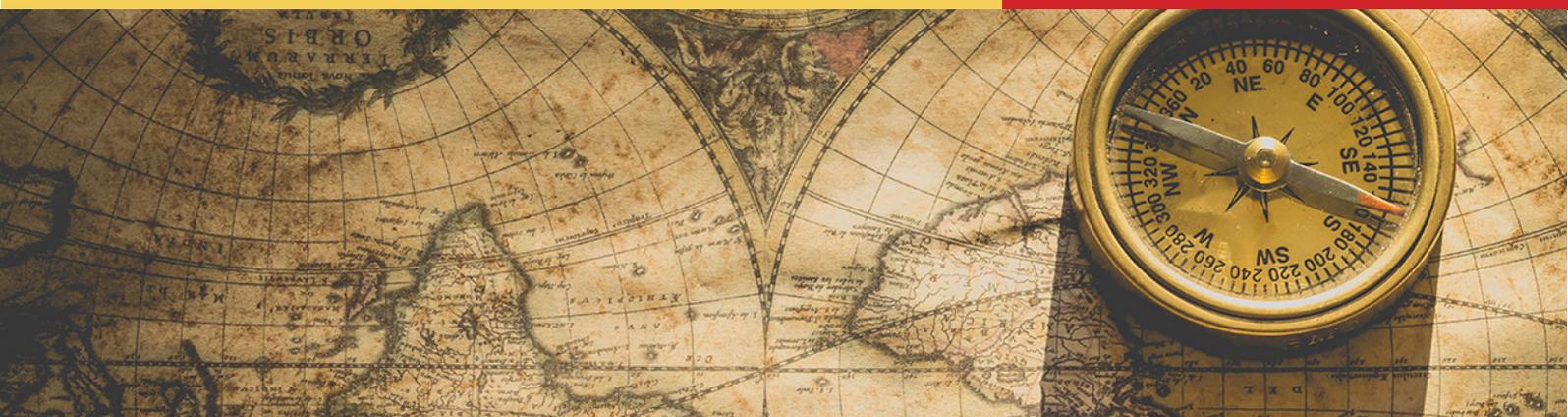
ções, também. E no entanto, movem-se. Ou põem em movimento esta língua viajante e viajada que é maior que a ocidental praia lusitana de onde um dia, há centenas de anos, partiu e prosseguiu esta viagem contínua que lhe dá rosto e identidade.

Chamam-se Manuel Wong, José Tam, Maria Cecília Leong e são professores de português. São chineses e adotam um nome português ou, pelo menos, ocidental, para facilitar o contacto com os estrangeiros. É assim em Macau e entre os docentes e alunos de português na China. Outros são macaenses e os seus apelidos transpiram história: são os Nolasco da Silva, os Ritchie, os Senna Fernandes, os Santos Ferreira. Apenas um ou outro traço mais europeu nos seus rostos relembra a longa viagem desta língua que partilhamos. Todos falam português, um tanto timidamente uns, com maior mestria outros. Há ainda o caso dos estudantes do interior da China, como se diz por cá. Espantosos na sua fluência, na competência com que dominam vocabulário e sintaxe e na avidez com que nos procuram para treinar essa língua que apostaram aprender. Quatro anos de estudo intensivo e ei-los a palmilhar o mundo – esperamos Angola, o Brasil, o futuro. Que passa pelo português que falam. Há os inúmeros concursos de recitação, de argumentação, de debate, das escolas primárias, secundárias, do Instituto Politécnico e das universidades, altamente concorridos e prestigiados localmente. Crianças e jovens declamam o



## ANA PAULA DIAS

**“É VERDADE E É INDISCUTÍVEL; APESAR DE OS CHINESES E OS PORTUGUESES TEREM CONVIVIDO DURANTE TANTO TEMPO, NUNCA CHEGARAM A UM INTERCÂMBIO ESSENCIAL E SIGNIFICATIVO. AMBOS NÃO SE COMUNICARAM BEM, COMO SE UM PATO FALASSE COMO UMA GALINHA, COMO DIZ UM PROVÉRBIO CANTONENSE.”**



seu português nervoso ou convicto, apresentam oralmente os seus textos muitas vezes decorados do princípio ao fim, até na pontuação. Empenhadamente.

Há depois, nestes 30 e poucos quilómetros quadrados, o português que se escreve ou antes, o português escrito. É mestiço. Ternamente mestiço na sua adaptação a este trópico de Câncer, silabado, entrecortado, errado até. Travestido em palavras inventadas. Palavras que escorregaram e se instalaram à sua maneira ingénua, desconcertante, arcaica nas tabuletas, nos anúncios,

mesmo nos serviços públicos, nos domínios institucionais.

Palavras portuguesas. Resistentes. Combinações únicas. As lojas de sopas de fita, os estabelecimentos de comidas, o “chá de medicinal”, os “centro de “massage”, os “vest dos” de noivas, as “sap a tarias”, algumas a lembrar as palavras cantonesas monossilábicas. Todos tendemos a modelar pronúncias ou acentos tónicos por paradigmas familiares, aqui não é exceção. A rudeza cândida da indicação «retrete» para quem desembarca em Macau, vindo aeroporto

de Hong Kong. Mas pelo menos sabemos onde nos dirigir.

O futuro? Um tanto imprevisível, com muitas variáveis já conhecidas em jogo e outras que hão de inevitavelmente surgir. Mas com certeza dependerá também muito de nós e daquilo as políticas linguísticas vierem a definir.

Ana Paula Dias  
Assessora da Direção de Serviços  
de Educação e Juventude.  
Centro de Difusão de Línguas  
Macau



## Agradecimento

Um agradecimento especial à escritora Lídia Jorge, ao poeta Fernando Pinto do Amaral, à linguista Ana Paula Dias e ao eurodeputado Paulo Pisco que gentilmente acederam ao nosso convite para participar nesta Newsletter que celebra o Dia Mundial da Língua Portuguesa.

## Ficha técnica

Edição: Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE)

Coordenação: Direção de Serviços de Ensino e das Escolas  
Portuguesas no Estrangeiro

Fotos: Ylanite Koppens on Pexels; Aaron Burden on Unsplash;  
Samuel Alves Rosa from Freemages.